

LINGUAGENS DE MESCLA: MEMÓRIAS, LÍNGUAS E TERRITÓRIOS

Silvina Liliana Carrizo (UFJF)¹

Resumo: Interessa-nos nesse texto analisar a produção da literatura em portunhol dos escritores Wilson Bueno, Douglas Diegues e Fabián Severo em função das relações nas quais suas obras e entrevistas estabelecem entre as memórias, as línguas e os territórios. Essas formas de literaturas menores comportam práticas contra-hegemônicas cujas diferentes estratégias de mescla agem, ao mesmo tempo, como literaturas minorizadas e literaturas críticas perante a naturalização das literaturas produzidas nas línguas oficiais.

Palavras-chave: Literaturas em portunhol; Memórias; Línguas; Territórios.

Esse trabalho tem como proposta analisar de forma relacional a produção de literatura em portunhol dentro do campo literário latino-americano. Tomaremos como eixo a problemática que se estabelece entre as memórias, as línguas e os territórios em Wilson Bueno (Paraná, Brasil), Douglas Diegues (Tríplice Fronteira) e Fabián Severo (Artigas, Uruguai). Livros teórico-críticos como *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem* (1990), de George Steiner, e *Kafka. Para uma literatura menor* (2002), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, junto com *O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à multiterritorialidade* (2007), de Rogério Haesbaert, coadjuvam para ampliar a compreensão do conflito e das estratégias de escritores em relação às línguas/linguagens e suas tomadas de posição dentro do campo (BOURDIEU, 1996). As noções de “extra”, “des” e “multi” permitem refletir sobre as conexões que se arquitetam para pensarmos os vínculos não naturalizados entre os escritores e seus territórios e o lugar particular que ocupam aí as memórias linguísticas. Quais são os sentidos da fronteira nesses três escritores? Quais as relações que a fronteira pode vir a construir como liame de materiais e capital cultural nos conflitos linguísticos? De que maneira o nexos língua/memória operacionaliza essas poéticas? De que maneira isso é possível pela presença do portunhol?

Essas particulares formas de literaturas menores comportam práticas contra-hegemônicas tanto no que tange aos projetos escriturais de cada escritor quanto no que se refere à apreciação crítica comparatista do que denominamos uma formação cultural, um Mini Mercosul estético. Práticas essas que dadas as diferentes estratégias de mescla agem, ao mesmo tempo, como literaturas minorizadas (LAGARES, 2011) e literaturas

¹ Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: silvinalit@gmail.com.



críticas perante a naturalização das literaturas produzidas nas línguas oficiais e sua concomitante produção de literariedade (CASANOVA, 2002).

As poéticas e políticas desses escritores (expressadas em suas obras e também em suas entrevistas) iluminam os jogos de poder dentro do campo literário na avaliação sempre mediada das escolhas, dos processos e dos projetos. Nesse sentido, as noções de linguajamento e plurilinguajamento (MIGNOLO, 2003), copresença de línguas e plurilinguismo (AMATI-MEHLER, 2005) colaboram tanto nas formações de poepolíticas literárias, quanto nas políticas da memória. No caso de *A babel do inconsciente. Língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica* (AMATI-MEHLER, 2005), interessa também observar o papel desempenhado por várias línguas (espanhol, português e as vezes o guarani), notadamente no seu processo de mescla como no específico do portunhol na literatura, e como isso pode contribuir para a reorganização da identidade do sujeito-escritor e as relações com a memória. Já no que tange a Mignolo em *Histórias locais/ Projetos globais* (2003). Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar, destacamos a questão do linguajamento e plurilinguajamento como forma de articular e reaver a memória (afetiva, histórica e cognoscitiva) dos escritores extra, des ou multiterritorializados, e como isso importaria numa forma liminar de apreender o mundo.

O *mix* de línguas, o português e o espanhol e com menos presença mas não por isso com menos intensidade: o guarani, tem um papel dominante na economia das literaturas escritas em portunhol. O *mix* aqui é matéria, é protagonista, é memória. As literaturas de *mix* linguísticos alegorizam, no sentido benjaminiano da noção, um estado do campo literário latino-americano, em diálogo crítico com o conceito de literaturas heterogêneas formulado por Antonio Cornejo Polar.

Interessa, para os fins desse texto, apresentar esses três escritores na sua ordem de intervenção dentro do campo, isto é, em um primeiro lugar apresentarei Wilson Bueno e em seguida Douglas Diegues e Fabián Severo.

Wilson Bueno, em *Mar Paraguayo* (1992/2005), tece um tecido de matéria no que de táctil tem a teia de aranha (gruda, tende a embarçar o que entra ou cai) junto com a protagonista: o *mix* que delira em confissão e que se concretiza na personagem central, a

Marafona, que é sua linguagem marafona ou marafa². A *nouvelle* começa com “notícia” e diz assim:

Un aviso: el guarani es tan esencial en nesto relato quanto el vuelo del párraro, lo cisco en la ventana, los arrulhos del português ô los derramados nerudas en cascata num solo só suicídio de palabras anchas. Una el error dela outra. Queriendo-me talvez acabe aspirando, en neste zoo de signos, a la urdidura essencial del afescto que se vá en la cola del escorpión. Isto: yo desearia alcançar todo que vibre e tine abaixo, mucho abaixo de la línea del silêncio. No hay idiomas aí. Solo la vertigen de la linguagem. Deja-me que exista. E por esto cantarê de oído por las playas de Guaratuba mi canción marafa, la defendida del viejo, arrastando-se por la casa como uno ser pálido y sin estufas, sofrendo el viejo hecho asi un mal necessário – sin nunca matarlo no obstante los esfuerzos de alcançar vencer a noches y dias de pura sevícia en la obsesión macabra de eganar-lhe la carne pissada de pescoço. No, cream-me, hablo honesto y fundo: yo no matê a el viejo (BUENO, 2005, p. 11).

A memória, em *Mar paraguayo*, se tece na linguagem como novelo e na confissão que tenta dar conta da verdade dos fatos: a protagonista/linguagem matou ou não matou o velho, e que se inscreve na vertigem da linguagem e na presença do guarani, enquanto língua e memória, a Marafona explica:

[...] la fala ancestral de padres y avuêlos que se van de infinito a la memoria, se entretienem todo habla y tricô: estas vozes guaranis solo se enterniecen se todavia tecen: ñandu: no hay mejor tela de que la telaraña de las urdidas rojas: higuêra: sombrêro: de sus urdidas hojas de pleno acordo, ñandu, de acordo y de entremeio por los arabescos que, sinfonia, se entreleza, radrez de verde e ave y canto, en el andamento feliz de una libertad: ñanduti: ñandurenimbó: [...] (BUENO, 2005, p.35)³.

A dissonância do teor extraterritorial instiga a habitar uma fronteira como limiar, dentro do território e, ao mesmo tempo, dentro do campo literário brasileiro, expressado

² Nos vários dicionários *on-line* que pesquisei, “marafa” alude a drogas ou a pessoa malandra, esperta, que gosta de fazer coisas ilegais. Já Marafona: do árabe *mara haina*, mulher enganadora. Tem relação com a palavra *mãe*. Do latim *matre* ou celtibero *matrubos* e com *fona* (faúlha); do gótico *fon*, *fogo* ou com o gaélico *foun*, *fon*, *terra*, *região*. A palavra marafona supõe-se que possa ter origem árabe com o significado de mulher enganadora, mas a origem pode ser muito mais antiga. Outros significados para a palavra são boneca de trapos, prostituta ou mulher desleixada. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Marafona>>. Acesso em: 20 jul. 2017. Em entrevista concedida a Marcelo Pen, Bueno explica a alma marafa como bandolera, brega e *kitsch*.

³ Consta no Elucidário, na página 63: ñandu: araña; también el verbo sentir y el substantivo *sentimento*/ ñandurenimbó: telita de araña; telita de arañita (BUENO, 2005, p. 63).



no compasso entre as línguas esquecidas, como a da Marafona, num mar paraguaio íntimo e confessional, inventado no território brasileiro de Paraná que se reduplica na construção mediada já não de um glossário, mas sim de um Elucidário.

Em Douglas Diegues, ao longo da sua obra poética e narrativa, a matéria é poética e pública, no deslimite do excesso, porém marcada por um forte coeficiente testemunhal. O *mix* é protagonista a partir de vozes masculinas dos submundos, as “malas línguas” das quais falava Néstor Perlongher. A memória como material de trabalho, o *mix* como criação, e como trabalho de memória da fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, que depois, a partir de 2001, começará a ser chamada de Tríplice Fronteira, sempre vigiada, invadida e controlada. Diegues expõe nessa entrevista:

[...] entre esses lugares, essas hermosas citys salvajes, essas aldeias urbanas posmodernas, estan los non lugares, los vazios primitivos, los nadas vegetaes, las tierras de nadie desde onde brotam los portunholes selvagens como flores tipo hongos de la buesta de las vakas... Es uma lengua alucinógena que se non faz bem también non faz ningum mal a la gente (TEXEIRA, 2011).

Já em Fabián Severo, a matéria é linguagem artística fabricada no conflito das falas, sempre negado pela oficialidade do castelhano uruguaio, produzida na audição de vozes protagonistas de cotidianos da fronteira com Brasil. Em geral em primeira pessoa, com teor testemunhal e autobiográfico, em diapasão de forte intimidade e lampejos lumínicos,

Noum sei como será nas terra sivilisada/ mas ein Artigas/ viven los que tienen apeyido./ Los Se Ninguéim/ como eu/ semo da frontera/ neim daqui neim dalí/ no es noso u suelo que pisamo/ neim a lingua que falemo (SEVERO, “Treis”, 2011, p. 21).

Essas três formas de operacionalizar o *mix*, matéria, protagonismo e memória trabalham-se, com suas escolhas e recursos, a partir de procedimentos de extraterritorialidade – sair das línguas para habitar um *mix*, e com isso uma multiterritorialidade, – e desterritorialidade – socavar as línguas maiores, criando uma linguagem literária – em relação a copresença de línguas experimentadas e sensivelmente percebidas pelos autores, da experiência particular com as memórias

familiares (Diegues e Severo) ou da audição dissonante de falares diversos – as langues (as gírias e las malas lenguas dos bas-fond) - nunca, padronizados porque rebeldes e fugidios (Diegues e Bueno).

Extraterritorialidade

Refletindo com George Steiner (1990), podemos pensar nos modos em que diferentes formas de pensar e sentir a fronteira (Bueno, Diegues e Severo) nos abrem a habitar o mundo sonoro das linguagens de mescla, aglomeradas. Escritores cujo teor extraterritorial se expressa na urdidura do desabrigo perante suas línguas escolares, encontrando na hesitação da fronteira a excitação para sua práxis verbal.

Em *Mar paraguaio*, o mar, como lugar fora do mapa – Paraguai não tem mar -, apenas habitado na linguagem da Marafona e como metáfora oceânica, de água, ondas e espuma, das línguas, entre o mar e *la merde*, em Guaratuba⁴, balneário de Paraná:

Ñe'e

Yo soy la marafona del balneário. A cá, en Guaratuba, vivo de suerte. Ah, mi felicidad es un cristal ante el sol, advinadora esfera cargada por el futuro como una bomba que se va a explodir en los urânios del dia. Mi mar. La mer. Merde la vie que yo llevo en las costas como una señora digna cerca de ser executada en la guillotina. Ô, há Dios...Sin, há Dios e mis dias. Que hacer? (BUENO, 2005, p. 12).

Para Douglas Diegues, o portunhol selvagem contém o mix, o portunhol, que é o esperanto-luso-hispano-sudaka dessa fronteira entre Paraguai, Brasil e Argentina, é metáfora das ruínas culturais e linguísticas do espanhol e o português. Diegues elucida:

El portunhol cabe em qualquer moldura. El portunhol selvagem non cabe em moldura alguma. El portunhol es bisexual; el portunhol selvagem, polissexual. El portunhol es papai-mamãe; el portunhol selvagem, kama-sutra. El portunhol selvagem es transnacional. El portunhol es determinado. El portunhol selvagem es indeterminado. El portunhol tem color. El portunhol selvagem non tem color. El portunhol es un esperanto-luso-hispano-sudaka. El portunhol selvagem es un conceito propio de lengua poética de vanguardia primitiva que he inventado para fazer mía literatura, um deslímite

⁴ Segundo a Wikipédia: “Guaratuba” é um termo de origem tupi que significa “ajuntamento de guarás”. Esse nome foi concebido pelos nativos que habitavam essa região de mangues na época do descobrimento do Brasil pelos portugueses. Guará é o nome de uma ave de plumagem vermelha que existia em abundância nesta área e que, mesmo protegida pelas autoridades, desapareceu do litoral paranaense e quase foi extinta. “Tuba” vem do tupi *tyba*, que significa “ajuntamento”. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Guaratuba>>. Acesso em: 20 jul. 2017.



verbocreador indomábel, uma antropófaga liberdade de linguagem aberta ao mundo, y puede incorporar portunhol, guaraní, guarañol, las dieciséis (ou mais) lenguas de las dieciséis culturas ancestrales vivas em território paraguayensis y palabras del árabe, chinês, latim, alemán, spanglish, francês, coreano, etcétera. El portunhol pode ser dulce. El portunhol selvagem tal vez seja mais trilce (ALVAREZ, 2015).

Em Fabián Severo, a fronteira como região apagada pelos centros urbanos e culturais de produção hegemônica, significa vozes contra vazios, escrever por “fora” a partir dos “ex-territórios” – a fronteira do Norte, do sul uruguaia? – canonizados da literariedade do castelhano uruguaio, para abastecer de capital literário o “limbo” fronteiriço. Severo poetiza Artigas:

Artigas e uma estación abandonada/ a esperança detrás de um trein que no regressa/ una ruta que se perde rumbo ao sur (SEVERO, 2011, “Dois”, p. 20).

Artigas e uma terra perdida nu Norte/qui noum sai nus mapa (SEVERO, 2011, “Onse”, p. 29).

Quem noum cuñese a frontera/ no sabe lo ques la soledá (SEVERO, 2013, “Poema 1”, p. 15).

Na frontera/ ranyos de basura/ i niños de tierra/ perderoum la palabra./ Nu inverno da yente/asvés alguien se enamora./ De ves incuando,/ nase uma flor entre us fierro/ensusiando la primavera./ Intonse/ como un resto de pan/la jente sindurese (SEVERO, 2013, “Poema 24”, p. 38).

Multiterritorialidade e plurilinguajamento

As poepolíticas do Mini Mercosul estético, seus portunholitos e suas escolhas, estratégias e procedimentos procuram batalhas culturais a partir de diálogos entre territórios e línguas. Diegues reflete:

Non se trata dum portunhol encenado desde um gabinete, pero sim ouvido primeiramente en las calles de La frontera de Punta Porã (Brasil) y Pedro Juan Caballero (Paraguay), y em ñande roga mi (nossa pequena casa), onde el portunhol era la lengua mais falada por mio abuelo, la xe sy (mi madre), la empregada, los parientes que venían a comer allí los domingos kuê. La primeira lengua en la cual me he expressado quando aprendí a falar non fue el portugues nim el español nim lo guarani, mas sim el portunhol de indole selvática (DIEGUES em GASPARINI *et al.*, 2012, p.159-160).

Severo poetiza:



Yo no quiría ir mas en la escuela/ porque la mestra Rita, de primer año/ cada ves que yo ablava/ pidía pra que yo repitiera i disía/ *vieron el cantito en su voz, así no se debe hablar/* i todos se rían de mim/ como eya pidía que yo repitiera/ yo repitía i ojos volvían se ri. (SEVERO, 2011, “Trintidóis” [fragmento], p. 54).

Bueno aponta:

“Mar paraguayo” é um autêntico divisor de águas em minha trajetória literária. Além da necessidade íntima de dar uma resposta estética, digamos, ao histórico isolamento em que vivem as línguas da América Latina, eu ansiava pela criação de uma personagem que fosse um pouco de nossa alma marafa, bandolera, brega e kitsch. Além de seu proposital mergulho no portunhol, no brasiguayo, um “idioma” que faz parte da realidade de nossa fronteira, da fronteira do Paraná com o Paraguai e Argentina, o “Mar paraguayo” apresenta uma “realidade”, que mais não seja, geograficamente importante para as minhas raízes e origens... Sendo fiel a isso, penso que com o livro também fui fiel a suas suspeitosas aduanas e ao desatado contrabando que ali se verifica, não só de produtos, mas de línguas, culturas, modas e “moods” (PEN, 2007).

A copresença de línguas na economia textual e metafórica encena nos projetos escriturais elencados as relações com as memórias que vão sendo interpeladas entre as memórias pessoais de apropriação das línguas e do mix, o portunhol – enquanto parole –, e as formas de estar nas fronteiras e de recriá-las. A copresença aqui é entendida como um aumento de significado individual e cultural que expressa, nesses projetos literários, a coexistência e a co-habitabilidade entre territórios e línguas potencializando e dinamizando, assim a vida significativa (AMATI-MEHLER, 2005).

Em *A Babel do inconsciente* lemos:

Mas, na história da conquista da língua, nesse percurso que aparece tão ordenado e preordenado no seu vínculo profundo entre a mãe e a língua materna, o que acontece quando a língua que se escuta e que se aprende não é apenas uma? O que acontece quando as palavras que assinalam a passagem do corporal ao verbal são ditas em várias línguas? (AMATI-MEHLER, 2005, p. 99).

São as memórias atualizadas de imaginários culturais – a fronteira como ruína de todos os centros hegemônicos –, de tradições literárias que buscam ser capturadas a



partir desses ex-territórios e que procuram essa herança dita maior para esse mix menor e minorizado, multiterritorializando-o. Bueno rememora:

Nasci no sertão, aquele tempo, e nem faz tanto tempo assim, que o Paraná tinha sertão a floresta virgem, a fauna nativa quase intocada. Sou bisneto de índia guarani com alemão. Imagina a mistura... Minha bisavó, (mãe de minha avó materna, era uma bugra de olhos azuis e que comia com as mãos), foi caçada a laço no interior paulista por um germano de fuzilantes olhos azuis. Faço uma pequena homenagem a este meu bisavô em *Tio Roseno* e claro, bem mais evidente, à minha bisavó índia. A coisa índia está em mim quase como uma segunda pele, sou um bugre angustiado, perplexo olhando as árvores da rua, os automóveis, o trânsito vertiginoso (DANIEL, 2010).

O plurilinguajamento, enquanto poepolítica, na singularidade do mix, seria aquele momento, sempre em recomeço, em que, segundo Mignolo (2003, p.358), uma língua viva se descreve como um estilo de vida na interseção de duas ou mais línguas, que é afeto, arte e conhecimento. Mignolo entende que o linguajamento é articulação e recuperação das memórias (afetiva, histórica e cognoscitiva) dos escritores – como nesse caso, em multiterritorialidade – e, desse modo, são formas liminares de apreender o mundo. Severo poetiza:

Mi madre falava mui bem, yo entendía./ *Fabi andá fazer los deber, yo fasía./ Fabi traseme meio litro de leite, yo trasía./ Decí pra doña Cora que amañá le pago, yo dicía./ Deya isso gurí y yo deiyava.*
Mas mi maestra no entendía./ Mandava cartas en mi caderno/todo con rojo (igualsito su cara) y firmaba imbaiyo.
Mas mi madre no entendía./ *Le isso pra mim hijo y yo leía.*
Mas mi madre no entendía./ *Qué fizeste meu fño, te disse que te portaras bien/y yo me portava.*
A historia se repitió por muintos mes. Mi maestra iscrevía mas mi madre no entendía./ Mi maestra iscrevía mas mi madre no entendía.
Intonces certo día mi madre entendió y dice:/ *Meu fño, tu terás que deiyá la iscuela/ y yo deiyé* (SEVERO, 2014, p. 34).

Bueno relata:

Digamos que o *Mar* intenta espelhar a democracia e a proliferação das linguagens. Uma contestação em si aos rigores clássicos, às camisas de força de um fazer literário que se impõe a nós, desde muito antes de nós mesmos. Com o *Mar* eu pretendi romper com tudo isto inclusive com a angústia da influência, misturando tudo numa mesma



e assumida sopa literária, Joyce e Puig, José de Alencar e Machado, Neruda e Octávio Paz (DANIEL, 2010).

Diegues reflete:

Essa lengua es una non lengua neo antigua, podemos ubicar vestigios del portunhol selvagem entre los troubadores galaiko portugueses y en los kapos del macarrónico medieval, surge entre las fronteras de las lenguas ofiziales, y tem como interlocutores los lectores cansados de la normalidade literaria, por um lado, y de las literaturas aburridas, por outro... Um de los negocios hermosos de mio portunhol selvagem es que ele pode ser feo, bizarro, bello, tuerto, ruprestre, diferente, dislexico, tarová (loco em guarani), etc, pero dificilmente será aburrido... Mesmo que voce non entenda muito claramente, se puede sentir algo que solamente el portunhol selvagem te lo puede dar... (DIEGUES *in* GASPARINI, 2012, p. 163).

A fronteira pode ser uma região, no sentido de Bourdieu (1989) e, ao mesmo tempo, presença multiteritorializada que se poetiza nas linguagens que operacionalizam, imaginando e trazendo imaginários e memórias, entre-lugar e ex-território que é fonte e é poesia, que é o *mix* das linguagens e seus limites poéticos, políticos e epistemológicos.

O processo memorialístico é da ordem da inscrição das línguas em estado de mix, é um estar aí cuja dinâmica assistemática permite compreender o esquecimento do silêncio do espanhol e do português quando não tinham sido impostos pelas armas, quebrando um silêncio que habitava em outras línguas, hoje esquecidas. À ordenação dos sujeitos e de suas culturas, disciplinadas pelos arquivos dos colonizadores, ergue-se o portunhol como formação cultural contra-hegemônica e perturbadora. Uma formação que alegoriza os conflitos linguísticos, os territórios de fronteira e as des-memórias no campo literário latino-americano.

Referências bibliográficas

ALVAREZ, Montse. *Entrevista com Douglas Diegues*. La gracia de lo inusitado. Portal ABC, 16/08/2015. Disponível em:

<<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/cultural/douglas-diegues-la-gracia-de-lo-inusitado-1398459.html>>. Acesso em: 22 jul. 2017.



AMATI-MEHLER Jacqueline *et al.* *A babel do inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica*. Trad. Cláudia Bachi. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

BENJAMIN, Walter. *A origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Capítulo V A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: _____. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. p. 107-132.

BUENO, Wilson. *Mar paraguayo*. Edición literaria a cargo de: Reynaldo Jimenez; com prólogo de: Néstor Perlongher. 1. ed. Buenos Aires: tsé-tsé, 2005.

_____. *Mar paraguayo*. São Paulo: Iluminuras, 1992.

CARRIZO, Silvina; NORONHA, Jovita Gerheim (Orgs.) *Relações literárias interamericanas: Território & Cultura*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2010.

_____. Linguagem e memória em Paloma Vidal. *Anais... Congresso XV ABRALIC Experiências literárias, Textualidades contemporâneas*, 2016. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491572267.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

DANIEL, Claudio. *Entrevista com Wilson Bueno*. Portal e rede Cronopios, 04/06/2010. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/content.php?artigo=10657&portal=cronopios>>. Acesso em: 20 jul. 2017.



DIEGUES, Douglas. *La gracia de lo inusitado*. Entrevista a Montse Alvarez. 16 de agosto de 2015. Disponível em:

<<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/cultural/douglas-diegues-la-gracia-de-lo-inusitado-1398459.html>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

GASPARINI, Pablo; OLMOS, Ana Cecilia; CELADA, Maite. Corregirlo sería matarlo. Entrevista a Douglas Diegues, poeta em “portunhol selvagem miri michi”. *Revista abehache*, v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://revistaabehache.com.br/index.php/abehache/article/view/57>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LAGARES, Xoán. Minorias linguísticas, políticas normativas e mercados. Uma reflexão a partir do Galego. In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos (Orgs.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 169-192.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/ Projetos globais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PEN, Marcelo. Entrevista com Wilson Bueno. Decassílabo perfeito para nação imperfeita. *Revista Trópico*, 2007. Disponível em: <<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2484,1.shl>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

PEREIRA, Diana Araújo (Org.) *Cartografia Imaginária da Tríplice Fronteira*. São Paulo: Dobra Editorial, 2014.

SEVERO, Fabián. *Noite nu Norte. Noche en el Norte*. Poesía de la Frontera. 2. ed. Montevideo: Rumbo Editorial, 2011.



_____. *NósOtros*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2014.

_____. *Viento de Nadie*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2013.

STEINER, George. *Extraterritorial*. A literatura e a revolução da linguagem. Trad. Júlio Castañón Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TEIXEIRA, Rodrigo. Entrevista a Douglas Diegues. Portal: *Overmundo*. 10/08/2011. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/triplices-fronteiras-literarias>>. Acesso em: 20 jul. 2017.